

FINANCEIRAS TECNOLÓGICAS (FINTECH): CARACTERÍSTICAS BÁSICAS E EVOLUÇÃO NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO, ENTRE 2010 E 2018.

Autores:

Cleudivania Alves dos Santos Santana, cleudivaniacass@hotmail.com, Economista, Univ. Federal do Tocantins (UFT)

Alivinio de Almeida, alivinio.eckdn@gmail.com, Prof. Dr. Economia, Univ. Federal do Tocantins (UFT)

RESUMO

Esse trabalho teve por objetivo analisar o papel e a tendência das Financeiras Tecnológicas (Fintech) no sistema financeiro brasileiro. A pesquisa utilizou pesquisa exploratória e descritiva na investigação do tema. A pouca disponibilidade de dados sobre a movimentação financeira das Fintech dificultou a análise por métodos quantitativos. As Fintech são plataformas digitais, derivadas das startups, que prestam serviços no mercado financeiro, embora não sejam instituições financeiras. Sua atuação no Brasil é recente, apresentando crescimento expressivo após 2015. As evidências indicam que as Fintech complementam os serviços prestados pelas instituições financeiras. Ao promover inovações disruptivas, priorizam a experiência e a comodidade do cliente, criando novos produtos financeiros, prestando atendimento digital, sem a necessidade do deslocamento físico a uma agência bancária. Ao atuar em nichos específicos, complementam as atividades das instituições financeiras tradicionais. De modo geral, as evidências indicaram que as Fintech não representam concorrência às instituições financeiras brasileiras. Ao contrário, observou-se que esse segmento tem se fortalecido por meio de parcerias com bancos e outras entidades do sistema financeiro. Considerando a tendência de aperfeiçoamento tecnológico no mercado financeiro, nota-se a aceleração do processo de inovação visando a melhoria da experiência do usuário e a utilização de novos elementos tais como a inteligência artificial e o blockchain.

Palavras Chaves: Mercado Financeiro, FINTECH, Inovação Financeira

FINANCEIRAS TECNOLÓGICAS (FINTECH): CARACTERÍSTICAS BÁSICAS E EVOLUÇÃO NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO, ENTRE 2010 E 2018.

1 INTRODUÇÃO

O sistema financeiro tem importante papel na economia de um país. Além de atuar como elemento de política monetária do governo, opera como intermediário entre os agentes superavitários e deficitários da economia. Assim, para cumprir esses papéis, deve ser capilar e oportuno à participação de todos os potenciais interessados e beneficiários.

No Brasil, estudos demonstram que o sistema bancário está entre os mais concentrados do mundo, sendo que apenas cinco bancos apresentam uma razão de concentração de 82% dos ativos totais (BCB, 2018). Essa atuação oligopolista dos grandes bancos acaba por não atender a todos os nichos do mercado financeiro, em sua plenitude. Essa situação, por outro lado, estimulou a inovação no segmento financeiro e possibilitou a criação de diversos serviços e o surgimento de novas instituições de perfil financeiro.

O sistema financeiro, a partir dos anos 2000, tem vivido significativas mudanças. Diante das constantes transformações, o desenvolvimento tecnológico e a inovação têm colocado grandes desafios aos atores deste sistema, tanto no lado da oferta quanto do lado da demanda (DARROLES, 2016).

Nesse contexto de inovação, surgiram as Financeiras Tecnológicas (Fintech), plataformas tecnológicas de serviços financeiros. Ao observarem alguns nichos do mercado financeiro e diversos problemas relatados pelos usuários, essas empresas se propuseram a oferecer uma nova experiência ao consumidor de serviços financeiros, por meio de soluções rápidas e descomplicadas. Adicionalmente, buscaram atender públicos ainda não incluídos no mercado financeiro. Isso propiciou a identificação de diversos nichos de mercado que ainda podiam ser explorados por empresas não bancárias.

Conceitualmente, as Fintech são um desdobramento das startups, empresas que trabalham com alta taxa de inovação. O termo vem da junção das palavras em inglês: Financial and Technology. Elas surgiram nos Estados Unidos, principalmente após a crise de 2008, quando a confiança nos grandes bancos foi abalada dando espaço para atuação de novos agentes no mercado financeiro. Segundo a FINNOVATION (2015) existiam, em 2015, quase 5000 Fintech no mundo. No Brasil, em 2017, foram identificadas em torno de 400 Fintech, atuando em vários segmentos financeiros (FINNOVATION, 2018).

O uso cada vez mais intenso de computadores, da internet, e de seus derivados tablets, smartphones com diversos aplicativos, facilitou o acesso aos meios tecnológicos, tornando-os progressivamente mais disruptivos e funcionais. (ROSALINO, 2017).

Segundo Rosalino (2017, p.13) “[...] esta onda de inovações e transformação digital promete uma revolução tecnológica que irá democratizar os serviços financeiros”, promovendo os seguintes benefícios: maiores opções aos consumidores; maior acesso e melhores condições ao crédito para pequenas empresas; serviços financeiros mais inclusivos; e, pessoas mais conectadas.

Entende-se que as Fintech são uma inovação disruptiva que representam, segundo Gonçalves (2017 p.121), “uma força que transforma vários negócios”. Segundo o autor, as empresas criam modelos de negócios capazes de inovar e transformar um mercado ou setor existente, através da introdução da simplicidade, conveniência e acessibilidade em ambientes onde a complexidade e o alto custo são, muitas vezes, o impedimento ao acesso de novos participantes.

Os argumentos identificados evidenciam que as Fintech, desde seu surgimento em 2008, representam um novo ator financeiro de importância significativa.

Diante da presença e expansão das Fintech, levantou-se a questão norteadora desta pesquisa: qual o papel das Fintech no mercado financeiro? E, a partir dela, estabeleceu-se o objetivo geral da pesquisa: analisar o papel, a contribuição e a tendência das Fintech no Sistema Financeiro. Especificamente, o estudo pretendeu: a) caracterizar as Fintech segundo suas finalidades, público-alvo e formato operacional, bem como a legislação que regulamenta a operação dessas empresas, especialmente no Brasil; b) identificar as principais Fintech que atuaram no mercado financeiro brasileiro, entre 2010 e 2017, segundo o tipo de serviço prestado; e, c) avaliar a contribuição das Fintech para o funcionamento e consolidação do Sistema Financeiro Nacional, entre 2010 e 2017.

Para tanto, levantaram-se informações em documentos normativos do Sistema Financeiro, bem como em publicações acadêmicas e convencionais sobre o tema central. Ainda no sentido de aprofundar materializar a discussão, foram identificadas as principais Fintech atuantes no mercado brasileiro entre 2010 e 2017.

2 FINTECH: ASPECTOS BÁSICOS

Para Zelmanovits, Gobbi, e Eroles, (2018), o termo Fintech é usualmente empregado em dois sentidos: ora significando as novas tecnologias desenvolvidas para a prestação de serviços, ora entidades oriundas das startups que desenvolvem formas tecnológicas inovadoras.

O sistema bancário, parte integrante do sistema financeiro, acompanhou esse movimento passando por diversas evoluções, desde a inserção de suas transações e processamentos por meio do uso da tecnologia, até a adoção da internet como canal de relacionamento com clientes do segmento de varejo. (ASSAF, 2017).

Para Arner, Barberis, Buckley (2016) esse movimento de integração entre o sistema financeiro e a tecnologia, passou por sucessivas ondas, classificadas como FinTech 1.0, FinTech 2.0 e FinTech 3.0. A primeira onda foi de 1866 a 1967, quando a indústria financeira apesar da introdução da tecnologia não teve muita diferenciação. Neste período foram introduzidas às bases para a modernização com os adventos da revolução industrial, das sociedades anônimas, seguradoras, contabilidade e suas partidas dobradas, e um forte processo de globalização seguido pelo crescente progresso tecnológico após a Segunda Guerra Mundial. A segunda fase vai de 1968 a 2008, período de rápidos avanços tecnológicos com a introdução do sistema de pagamentos interbancário, sistema de compensação, o surgimento da Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais ((SWIFT), Comitê de Basileia de Supervisão bancária, o e-banking, interligando tecnologicamente os mercados globais. A terceira fase vai de 2008 aos dias atuais, logo após a crise financeira global que nos países desenvolvidos foi a responsável pelo forte abalo na imagem dos bancos, elevando as regulamentações sobre o sistema bancário.

Arner, Barberis, Buckley (2016) assinalam que a terceira onda é a fase da intensificação do uso dos smartphones e a sofisticação das Interfaces de Programação de Aplicações (API). Isso possibilitou que novos agentes entrassem no mercado financeiro: as Startups financeiras ou Fintech como ficaram conhecidas.

É nessa fase que as Fintech são vistas como entidades empresariais. O crescimento rápido e a grande adesão dos consumidores aos serviços financeiros, plenos de inovações tecnológicas, atraíram também a atenção dos agentes que já atuavam no mercado, especialmente os bancários.

Mas afinal, o que são startups financeiras, ou Fintech? Para Ferreira, et. al. (2017) as startups surgiram nos Estados Unidos com a finalidade de implementar melhorias e inovação em ambientes de empreendedorismo. Segundo a autora são empresas recém-criadas que

utilizam de pesquisas e desenvolvimento (P&D) e tecnologia num mercado de extrema incerteza.

Cordeiro, Oliveira e Diogo (2017) explicam que Fintech é o acrônimo utilizado para fazer referência aos serviços financeiros e tecnologia (Financial +Technology), corresponde “ao universo de inovações tecnológicas que possam ter implicações potencialmente transformadoras para o sistema financeiro, para os seus intermediários e também para os seus usuários (CORDEIRO, OLIVEIRA, DIOGO, 2017, p. 5)”.

As Fintech são capazes de criar inovações na área de serviços financeiros incorporando tecnologias que tornam o mercado de finanças e seus sistemas mais eficientes. Na maioria das vezes, “são criadas com o propósito de romper os paradigmas do sistema financeiro tradicional que aproveita pouco ou de forma ineficiente os recursos tecnológicos à sua disposição” (CONEXÃO FINTECH, 2016, n.p).

Segundo o Banco Central do Brasil, no contexto de transformação na prestação dos serviços financeiros, “[...] fintech significa identificar obsolescências e omissões no mercado financeiro e desenvolver soluções inovadoras em resposta. (BCB, 2018, p.111)”, para Menat (2017, p.10) “Engloba uma nova onda de empresas mudando a maneira que as pessoas pagam, enviam dinheiro, emprestam e investem”.

FINNOVATION (2015) afirma que o objetivo das Fintech é diminuir o tempo de espera em filas e trazer uma alternativa para tantos processos burocráticos encontrados nas agências bancárias, Fintech – Financial Technology – são startups que usam com intensidade a tecnologia para recriar a oferta de produtos e serviços financeiros de forma mais fácil e simples através de aplicativos mobile.

A diferença na atuação das Fintech e os bancos, corretoras e seguradoras que outrora detinham a exclusividade na oferta dos serviços financeiros está principalmente na comodidade proporcionada aos clientes. Uma vez que são plataformas eletrônicas, cujo atendimento é feito por canais virtuais, o cliente tem a liberdade de ser atendido no momento em que lhe convém, não necessitando do deslocamento presencial até uma agência física mais próxima. Essas características fazem das Fintech uma disrupção no mercado financeiro.

As Fintech trazem uma nova forma de relacionamento com o cliente. Para Darroles (2016) as Fintech têm como alvo as “gerações mais jovens que estão acostumadas à interatividade e às soluções personalizadas”. Geração que Rosalino (2017) classifica como Y (Millennials), e Z (Digital Natives) que com elevada especialização tecnológica, exigem cada vez mais produtos personalizados a suas características. Trata-se de gerações que estão habituadas à utilização de serviços on line em tempo real, são consumidores vorazes de tecnologia e estão à procura de interação digital com os distribuidores de serviços financeiros. O atendimento dessas demandas pelas instituições estabelecidas requer uma constante análise das expectativas e tendências dos clientes, e por consequente poderão provocar transformações significativas e definitivas nos serviços financeiros como hoje o conhecemos.

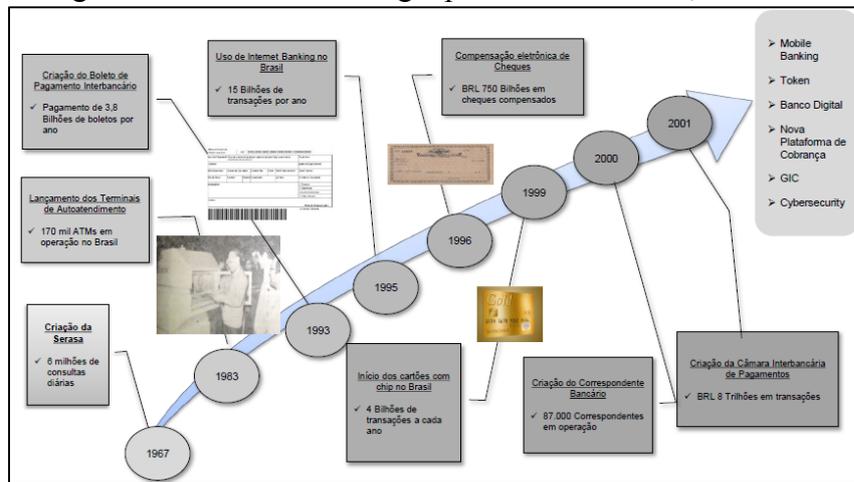
Com o novo perfil de consumidor, que abandonou o modelo convencional passando a ser usuário, os agentes do mercado financeiro são cada dia desafiados a melhorar e inovar a experiência de seus clientes. Por isso o movimento dos grandes bancos em direção à adoção de inovações utilizadas pelas Fintech. No entanto eles não mais detêm a exclusividade da oferta dos produtos financeiros, pois agora as Fintech entraram nesse mercado.

3 O AMBIENTE FINTECH NO BRASIL

Segundo Assaf (2017), no Brasil, as ondas de inovações tecnológicas atreladas ao sistema financeiro foram diferentes do modelo europeu, em que as grandes empresas Telecom foram as principais mentoras do desenvolvimento tecnológico. Aqui os grandes bancos foram os primeiros a incentivar o uso da tecnologia, com pioneirismo na forma de relacionamento

com os clientes. Evolução que foi ilustrada pela Federação Brasileira de Bancos - FEBRABAN (2018), como reflete a Figura 1:

Figura 1 - O uso da tecnologia pelo setor bancário, no Brasil.



Fonte: Febraban (2018)

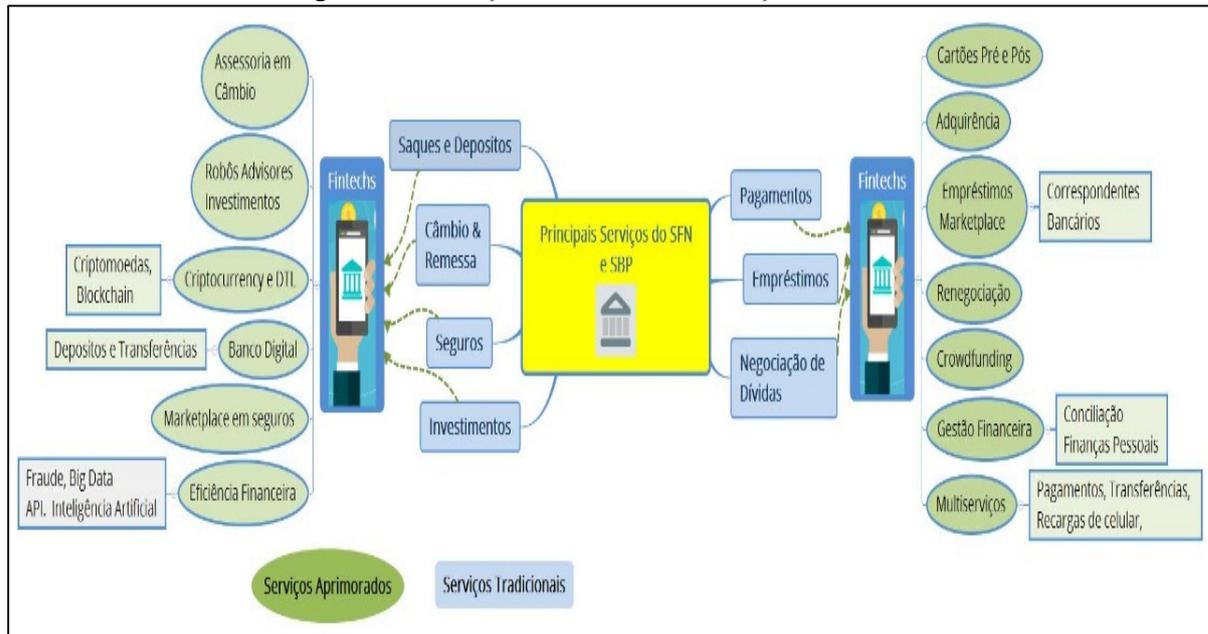
Para compreender a atuação das Fintech no sistema financeiro brasileiro é necessário compreender como ele está constituído e quais os principais serviços ofertados à população.

Sistema Financeiro, segundo Furlani (2013, p.4), é o “Conjunto de instituições financeiras e instrumentos financeiros que visam transferir recursos dos agentes econômicos (pessoas, empresas, governo) superavitários para os deficitários”.

Está basicamente composto de os órgãos normativos, supervisores e operadores. Os órgãos normativos têm a função de determinar as regras gerais para o funcionamento do sistema financeiro. Os supervisores trabalham para que os agentes do sistema financeiro cumpram as regras estabelecidas pelos órgãos normativos. Já os operadores são os agentes que lidam diretamente com o público na intermediação financeira. (BCB, 2018, n.p.)

Os operadores estão distribuídos em: instituições financeiras bancárias; Instituição financeiras não bancárias, Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), Instituições Financeiras de Natureza Especial, Sistema de Distribuição de Títulos e Valores Mobiliários, Câmaras e Prestadores de Serviços de Registro, de liquidação e de Compensação e Administradores de Recursos de Terceiros. São os responsáveis pela oferta dos principais serviços financeiros a população, e é nessa área do sistema financeiro que as Fintech estão se inserindo, proporcionando aos usuários nova experiência, como ilustra a Figura 2

Figura 2 - Inserção Fintech nos serviços bancários



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Com o surgimento das Fintech, o leque de serviços do sistema financeiro experimentou uma evolução. Em alguns setores ocorreu o surgimento de novos serviços como, por exemplo, em gestão financeira pessoal e empresarial. Para entender a evolução dos serviços é interessante conhecer os principais segmentos de atuação das Fintech e suas características, segundo estudos da FINTECHLAB realizados entre 2015 e 2018. São eles:

- a) Pagamentos – São empresas que disponibilizam serviços de pagamento diferenciados em torno de soluções para empresas ou consumidores, como adquirência, e soluções de pagamentos. Engloba também as soluções de pagamento para e-commerce, gateways de pagamento online, clearing, depósitos diretos, Mobile POS. Para o cliente pessoa física, considera iniciativas de mobile wallet, agregadores de cartão de crédito, débito e pré-pago, com proposta de serviços inovadores. (FINTECHLAB, 2016). O Brasil dentre os países da América Latina apresenta a primeira posição no ranking em número de Fintech que atua no segmento de pagamentos. O setor que apresenta empresas em estágio de amadurecimento, estimulando o nascimento de concorrentes, mostrando movimento de expansão (FINTECHLAB, 2017).
- b) Gestão Financeira – Empresas que oferecem serviço de gerenciamento financeiro para Pessoa Física (Personal Finance Management) ou Jurídica. Inclui soluções para facilitar a gestão de finanças pessoais, controle de despesas, gestão de orçamentos, otimização de recompensas/benefícios do cartão de crédito, suporte de gestão para pequenas e médias empresas, ferramentas para gestão fiscal, folha de pagamento, faturamento e contabilidade. (FINTECHLAB, 2016).
- c) Empréstimos - Empresas que buscam ofertar novas possibilidades de obtenção de empréstimos, análise de riscos, com foco no consumidor ou em empresas. Empréstimos peer-to-peer para empresas ou pessoa física (educação, habitação, consignado), atuação como correspondentes bancários, micro-financiamento, análise de dados e serviços de classificação de crédito, entre outros (FINTECHLAB, 2016).
- d) Seguros - Marketplace de empresas corretoras de seguro que oferecem, por exemplo, comparação de valores e serviços online, simulações, análise do perfil do segurado, contratação completamente online e atendimento via chat. (FINTECHLAB, 2016).

- e) Cryptocurrency & DLT - Iniciativas de compra, venda e mineração de Bitcoins e outras cryptocurrencies. Estão inseridos os serviços de transação descentralizada com base na plataforma blockchain. A terminologia DLT descreve o guarda-chuva de iniciativas relacionadas a redes descentralizadas, que compreendem tanto redes privadas, quanto públicas, onde o blockchain se insere. As DLTs mais conhecidas são os blockchains do Bitcoin e do Ethereum. (FINTECHLAB, 2016, 2017).
- f) Investimentos – Empresas que ofertam novas formas de investir, analisar ou gerenciar investimentos já existentes, aplicações temáticas, investimentos com base em algoritmos e crowdfsource de conhecimento e de carteiras de investimento (FINTECHLAB, 2016).
- g) Funding - Serviços que permitem investimento coletivo para novos produtos, causas sociais e projetos criativos. Equity crowdfunding é uma nova maneira para as empresas privadas levantarem recursos em troca de capital próprio e para os investidores participarem em mercados de títulos privados (FINTECHLAB, 2016).
- h) Negociação de Dívidas – Empresas que se propõem a ofertar por suas plataformas serviços de renegociação de dívidas (FINTECHLAB, 2016).
- i) Câmbio e Remessa – Empresas de assessoria personalizada para operações internacionais. Dentre os serviços estão desde assessorar o cliente a abrir contas no exterior como sugerir as melhores plataformas para investimentos internacionais, e auxílio na remessa de valores. O atendimento é multicanal, se adaptando à ferramenta usada pelo cliente (Whatsapp, Telegram, Skype, entre outros). Caso o cliente não precise de ajuda, o processo pode ser feito pela plataforma sem intervenção humana. (ABFINTECH, 2018).
- j) Multiserviços – Segmento que engloba empresas que oferecem vários serviços bancários em um aplicativo, porém não são instituições financeiras. (FINTECHLAB, 2017). É um segmento recente no ecossistema Fintech. “[...] oferecem funcionalidades como pagamento de contas, transferências de recursos e recarga de celular sem que se configurem como banco (FINTECHLAB, 2017, p. 22)”.
- k) Bancos Digitais – Empresas que se posicionam como bancos digitais ou desenvolvem soluções digitais para instituições tradicionais se posicionarem digitalmente (SEBRAE, 2018). “Essas instituições não possuem agências físicas, mas permitem ao usuário realizar qualquer tipo de serviço bancário, de transferência de recursos a investimentos, através de meios digitais” (FINTECHLAB, 2017, p. 22).
- l) Eficiência Financeira - Iniciativas que envolvem soluções que auxiliam outras empresas do mercado financeiro sejam elas Fintech ou não. Alguns exemplos de soluções, envolvem a integração de funcionalidades pela utilização de APIs, soluções white-label para mobile, análise de dados em modelos de big-data e com algoritmos de inteligência artificial, proteção de transações, verificação de identidade de usuários e prevenção a fraudes. É um segmento essencial a existências das Fintech (FINTECHLAB, 2016, 2017). Tem apresentado significativo crescimento, dado ao seu caráter essencial para o desenvolvimento de novas empresas, serviços e experiências digitais.

Um dos fatores que contribuíram para o crescimento das Fintech, ao longo dos anos, foi a diferenciação na regulamentação existente entre as Fintech e as demais entidades do sistema financeiro. Oliveira (2017) expõe que, na medida em que os bancos, após a crise de 2008, passaram a ter uma forte pressão regulamentar para resguardar o sistema financeiro de novas crises, passaram a direcionar sua atuação nas áreas mais rentáveis, deixando de lado alguns nichos de mercados, e projetos de inovação em alguns setores. Neste mesmo momento as Fintech surgiram e passaram a atuar, ainda que sem a forte regulamentação que estava sobre os bancos.

Zelmanovits, Gobbi, e Eroles (2018) acrescentam que as dificuldades em regulamentar as Fintech estão na heterogeneidade das entidades e nas áreas de atuação, pois algumas já estavam regulamentadas, dada as características de suas atividades estarem enquadradas na regulamentação existente. Esse é o caso do serviço de pagamentos, cartões de créditos, etc. Outras são indiretamente reguladas, como no caso dos correspondentes bancários. E ainda havia aquelas que não foram reguladas como agregadores financeiros.

As dificuldades na regulação abriram espaço para potenciais riscos financeiros, pois muitas empresas trabalham com dados sigilosos com a permissão das instituições financeira, correndo risco de fraudes eletrônicas e capturas das informações (ZELMANOVITS, GOBBI, e EROLES, 2018). Por outro lado, a regulamentação muito rígida pode inibir a expansão e atuação dessas empresas, como colocando pelo BCB em seu Relatório da Economia Bancária: “As oportunidades criadas durante esse processo transitório de inovação são mais bem aproveitadas – e seus ganhos mais bem distribuídos – se a atuação do regulador não é inibidora nem permissiva. (BCB, 2018, p.99)”. Por isso é importante que os reguladores tenham equilíbrio nas medidas estabelecidas para o mercado financeiro.

No Brasil, uma série de mudanças nas legislações do sistema financeiro ocorreu a partir de 2010, facilitando a inserção de várias Fintech. Neste mesmo ano, o Banco Central atuou para o fim da exclusividade das empresas Cielo (antiga Visanet) e Rede (antiga Redecard) em máquinas de cartões. Esse movimento contribuiu para que em 2013 fosse possível a portabilidade de adquirentes. Com isso novos agentes entraram nesse segmento, como por exemplo, a Stone. (FINTECHLAB, 2017)

Em 2011 o Conselho Monetário Nacional - CMN, institui a possibilidade dos bancos ofertarem aos seus clientes a movimentação de contas por meio eletrônico com isenção de tarifas (BCB, 2011). Em 2016 o Banco Central divulgou a resolução 4.480 que regulamenta a abertura das contas digitais sem a necessidade do comparecimento em uma agência física, e estabeleceu as condições de movimentação, tarifas, informações cadastrais, adequação dos produtos, os principais mecanismos de segurança e prevenção à lavagem de dinheiro. Essas regulamentações formalizaram as contas digitais ofertadas por bancos e Fintech. As Fintech deram a largadas com suas plataformas que desburocratizaram a forma de abertura e movimentação das contas correntes, dado o acirramento da concorrência os bancos tradicionais também ingressaram no movimento, passando a ofertar contas digitais. Surge também a figura dos bancos totalmente digitais, como o Neon, Original, Inter, entre outros. Alguns desses atuavam como bancos tradicionais, e em resposta ao movimento dos clientes, migraram para o segmento digital. Em 2013 a Lei 12.865 de 09/10/2013 dispôs sobre os arranjos e as instituições de pagamentos que passariam a integrar o Sistema de Pagamentos Brasileiro – SPB, dentre os vários aspectos permitiu a criação de moeda eletrônica, e conta para pagamentos e transferência de recursos. Com isso foi possível o surgimento das Fintech Multiserviços. Em 2017 a CVM divulgou a instrução nº 588, que regulamentou as Fintech que atuam no mercado de crowdfunding ou mais conhecidas como equity crowdfunding, consiste na captação de dinheiro de empresas de pequeno porte, através de uma plataforma eletrônica de investimento participativo com seus investidores, nessa modalidade é possível à participação de diversos investidores. A instrução, no entanto, não abrange todas as formas de captação (crédito, bens ou serviços), apenas aquelas as quais os investidores terão participação societária na empresa.

Acompanhando a evolução no mercado no segmento de empréstimos o BCB lançou a resolução Nº 4.656, em 26 de Abril de 2018, regulamentando as Fintech que atuam no segmento de crédito direto. A resolução instituiu dois setores de atuação das Fintech de crédito: Sociedade de Crédito Direto (SCD) e Sociedade de Empréstimo entre Pessoas (SEP). A SCD pode prestar análise e cobrança de crédito para terceiros, atuar como representante na distribuição de seguro relacionado com as operações já mencionadas e emitir moeda eletrônica.

Vale notar os avanços no sentido da atuação em cooperação entre as grandes empresas do setor financeiros e as startups financeiras. Segundo o BACEN (2018) trata-se de um movimento positivo, capaz de promover mudanças significativas no sistema financeiro: Além disso, a atuação cooperativa beneficia, em última instância, a população, pois promove a redução dos custos da operação financeira e a inclusão financeira.

Segundo a FEBRABAN (2018), inicialmente as Fintech eram vistas com desconfiança pelas instituições financeiras. Porém, com o passar do tempo, percebeu-se que as Fintech que atuam no mercado brasileiro não realizam concorrência bancária. Ao contrário, desenvolve operações complementares, criando vantagens pela parceria.

No Brasil, existe um movimento claro de aproximação entre os bancos tradicionais e as Fintech por meio da criação de coworking e centros de empreendedorismo e inovação e, até mesmo, pela união entre ambos na criação de novas Fintech. Em 2014, o Banco Bradesco criou o InovaBra um programa que busca aproximação das startups focadas no desenvolvimento de novos serviços para o mercado financeiro. Outras duas vertentes criadas por essa instituição são o InovaBra Ventures, um fundo de investimentos em startups, no modelo de corporate venture, com R\$ 100 milhões de capital proprietário; e o InovaBra Internacional que busca parcerias com Fintech internacionais (FINTECHLAB, 2017). Em 2015, o Banco Itaú criou o Cubo, um espaço coworking de startups de qualquer setor, com a finalidade de aproximação do ecossistema empreendedor. Projetado inicialmente em parceria com a Redpoint e ventures com o tempo ganhou outras empresas que se associaram a iniciativa: Accenture, Saint Gobain, Ambev, Mastercard e Cetip (FINTECHLAB, 2017). O Banco do Brasil tomou diversas iniciativas internas para fomento da inovação e empreendedorismo, programas como: Canvas, Agile e Design Thinking, Startup weekends, hackatons e o Pensa. Além dessas medidas montou o Laboratório Avançado do Banco do Brasil – LABB, no vale do Silício, dentro da Plug and Play, dividindo o espaço com diversas startups do mundo (FINTECHLAB, 2017). O Banco Santander optou inicialmente por adquirir algumas iniciativas, em 2014 adquiriu a gaúcha Getnet, em 2016 a ContaSuper da empresa SuperBank. Lançou o The Code Force, programa que busca engajar desenvolvedores em busca de soluções para o mercado financeiro. Também em 2014 lançou o InnoVentures fundo de investimento com foco em Fintechs (FINTECHLAB, 2017). A Caixa Econômica Federal realizou parceria com a Artemisia, ONG focada em negócios de impacto, para desenvolver programas com foco na classe C e D: “Desafio de negócios de impacto social – Educação financeira e serviços financeiros para todos”. Outra iniciativa foi à estruturação de área interna que trabalha inovação (FINTECHLAB, 2017). Juntos, Banco do Brasil e Bradesco, por meio da CBSS, instituição financeira controlada, lançaram, em 2016, a Digio, empresa que oferta cartão de crédito sem anuidade controlado por uma plataforma. Isso é semelhante ao que é feito pela Fintech Nubank (FINTECHLAB, 2017).

No segmento de bandeira de cartões, as empresas Visa e Mastercard também fomentaram a inovação para acompanhar o movimento das Fintech. Em 2016 a Visa abriu um centro de inovação com o objetivo de desenvolver novas formas de pagamento digital com a parceria das startups. Também criou o programa Visa Developer Center para desenvolver soluções em plataforma aberta. Fechou ainda parceria com a aceleradora StartupFarm e lançaram o programa Ahead para aceleração de empresas em 5 semanas (FINTECHLAB, 2017). Já a Mastercard lançou o laboratório MastercardLabs para pesquisar e desenvolver novas formas disruptivas de pagamento. Em 2016, lançou o Mastercard Developers, para que parceiros acessassem vários aplicativos de pagamento, dados e segurança. Em parceria com Facebook, o Banco Santander tem organizado e apoiado hackatons pelo Brasil na busca de inovações e de inovadores. Criou o Startpath programa de acompanhamento de startups para ajudar a escalar suas soluções com o envolvimento de outros parceiros e da própria Mastercard. Além de ser parceiro no Cubo do Banco Itaú (FINTECHLAB, 2017).

Outros agentes do sistema financeiro também buscaram colaboração para a inovação como a Cetip, Bovespa e a RTM. A Cetip empresa privada responsável pela liquidação dos títulos privados de renda fixa, lançou em 2016 o programa Foresee que, além da promoção de eventos e fóruns, realizou parcerias com outros agentes, tais como o Cubo, Up InnovationLab (Accenture) e ACATE (Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia). Junto com a ACATE capitaneou a criação de Vertical Fintech (FINTECHLAB, 2017). A Bolsa de Valores Brasileira também lançou programas internos para estudar e desenvolver soluções baseadas em tecnologia inovadora e criou o BM&FInova, equipe multidisciplinar que tem como seu principal desafio o desenvolvimento de protótipos utilizando Blockchain (FINTECHLAB, 2017). A Rede de Telecomunicações para o Mercado – RTM, provedora de serviços de integração para o mercado financeiro lançou o programa Conecta, com o objetivo de incentivar o empreendedorismo. Lançou o Inove, canal para comunicação com os usuários e com o objetivo de estimular a promoção de ideias e novas soluções para o mercado (FINTECHLAB, 2017).

4 EVOLUÇÃO DAS FINTECH NO BRASIL, ENTRE 2010 E 2017

Apesar do pioneirismo do banco brasileiro no uso da tecnologia no sistema financeiro e o relacionamento com os clientes, o ingresso das Fintech enquanto entidade empresarial no Brasil demorou. A primeira Fintech de que se tem registro no País foi a FairPlace, em 2009, atuando na área de empréstimo pessoa a pessoa (P2P). Porém, ela operou poucos meses e encerrou suas atividades ainda em 2009. Após essa data, o tema Fintech voltou à tona apenas em 2011. Contudo, foi apenas a partir de 2015 que esse mercado começou a ter maior expressão (Fintechlab, 2017). Desde então as Fintech têm mostrado crescimento exponencial no mercado. Atuando em diferentes segmentos dentro do sistema financeiro, o mercado brasileiro tem se mostrado receptivo à essas startups financeiras.

O acompanhamento da evolução dessas empresas no mercado brasileiro tem sido realizado por alguns órgãos e empresas de consultoria em Fintech, tais como a Finnovation¹ que em conjunto com a Finnovista² e o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID divulgaram o mapa das Fintech no Brasil: Fintech Radar Brasil, sua última divulgação foi em Maio de 2018. A FintechLab³ em parceria com a Clayinnovation⁴ desde 2015 semestralmente tem divulgado o Radar Fintechlab para acompanhamento da evolução dessas iniciativas no mercado, a última versão do radar foi divulgada em agosto de 2018. A FEBRABAN também observou o comportamento do ecossistema Fintech no Brasil, divulgando em Abril de 2018 seu levantamento. E a ABFINTECH⁵ em parceria com a PWC⁶ divulgou recentemente o levantamento intitulado Pesquisa Fintech Deep Dive 2018.

Segundo a Finnovista (2018) na edição Fintech Radar Brasil 2018, o Brasil teve o crescimento de 158 Fintech, representando um aumento anualizado de 48%, o que permitiu alcançar o número de 377 Fintech divididas em seis segmentos principais e cinco segmentos emergentes. O levantamento apurou uma taxa de mortalidade de 14% em relação à edição de Novembro 2016, isso representa a extinção de 30 empresas. O agrupamento dos setores realizado pelo mapeamento foi o seguinte:

¹ Finnovation é uma empresa de inovação em serviços Financeiros

² Finnovista é uma aceleradora de Fintech

³ FintechLab é um hub para conexão e fomento do ecossistema de Fintech nacional.

⁴ Clayinnovation é uma agência de Inovação em serviços.

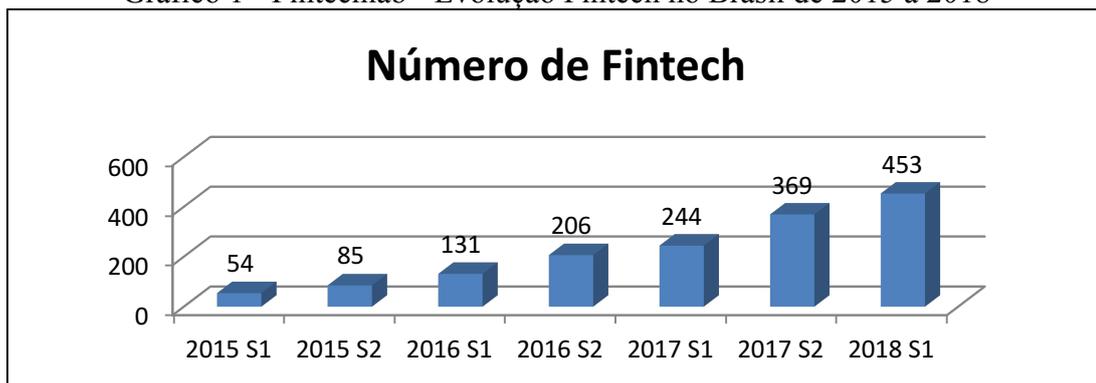
⁵ ABFINTECH - Associação Brasileira de Fintech

⁶ PWC é um Network de firmas que presta serviços de auditoria e asseguaração, consultoria tributária e societária, consultoria de negócios e assessoria em transações.

- Principais segmentos:
 - 1) Pagamentos e Remessas, representando 25% do total com 96 startups;
 - 2) Gestão Financeira Empresarial, com 17% do total, com 63 startups;
 - 3) Empréstimos, representando 15% do total com 56 startups;
 - 4) Gestão Financeira Pessoal, representando 8% do total com 30 startups;
 - 5) Crowdfunding e Wealth Management, cada um representando 7% do total com 25 startups em cada segmento.
- Segmentos emergentes:
 - 1) Seguro;
 - 2) Ganhos, identidade e fraude;
 - 3) Mercados de Negociação e Capital;
 - 4) Bancos Digitais;
 - 5) Tecnologias Empresariais para Instituições Financeiras;

O Radar FintechLab também acompanha a evolução do número de Fintech no Brasil, desde 2015 e observa um movimento ascendente cujo crescimento no primeiro semestre de 2018 em relação ao último semestre de 2017 foi de 23%, mesmo com algumas baixas o movimento é positivo. O Gráfico 1 revela o padrão de evolução no Brasil, entre 2015 e 2018.

Gráfico 1 - Fintechlab - Evolução Fintech no Brasil de 2015 a 2018



Fonte: Fintechlab (2015, 2016, 2017, 2018)

Na versão de 02.2017 o Fintechlab realizou uma pesquisa com 177 empresas e verificou que cerca de 80% das empresas já haviam passado da fase de ideação e validação do modelo de negócio; 10% já contavam com mais de 50 funcionários e 72% delas já haviam recebido algum aporte de capital externo. São Paulo concentrava 65% das empresas, Rio de Janeiro 11% e Belo Horizonte 6% (FINTECHLAB, 2017, p. 11).

Como forma de sintetizar o resultado da pesquisa realizada neste estudo sobre o universo Fintech, elaborou-se o Quadro 1, identificando as principais Fintech atuantes no mercado brasileiro, entre 2010 e 2018.

Quadro 1 - Principais Fintech Brasileiras entre 2010 e 2018

Fintech	Segmento	Data do surgimento
Neon	Bancos digitais	2016
Nubank	Bancos digitais	2013
Inter	Bancos digitais	1994 -2014
Original	Bancos digitais	2016
Meu câmbio	Cambio & Remessas	2014
Mercado Biticoni	Cryptocurrency -Compra e venda de criptomoedas	2011
Bit.One	Cryptocurrency -Compra e venda de criptomoedas	2015
Foxbit	Cryptocurrency -Compra e venda de criptomoedas	2014

Konduto	Eficiência Financeira -Fraudes	2014
Idawll	Eficiência Financeira-Fraudes	2016
Adianta	Empréstimos - Antecipação de Recebíveis	2017
Rapidoo	Empréstimos - Antecipação de Recebíveis	2016
Simplic	Empréstimos - Correspondente bancário	2014
Lendico	Empréstimos - Correspondente bancário	2013
Creditas	Empréstimos - Correspondente bancário	2013
Noverde	Empréstimos - Correspondente bancário	2016
TrustHub	Empréstimos - Correspondente bancário	
BizCapital	Empréstimos - Correspondente bancário	
Rebel	Empréstimos - Correspondente bancário	2017
Bom pra Crédito	Empréstimos - Correspondente bancário	2013
Avante	Empréstimos - Correspondente bancário - Microcrédito	2015
Biva	Empréstimos - Correspondente bancário –P2P	2015
F(X) atual Finpass	Empréstimos - Correspondente bancário Para empresa	2016
FinanZero	Empréstimos -Correspondente bancário	2015
Zen Finance	Empréstimos -Crédito como serviço – B2B	2018
Eqseed	Funding – equity crowdfunding	2015
Kickante	Funding	2013
Concil	Gestão Financeira	2015
Conta azul	Gestão Financeira	2011
Guiabolso	Gestão financeira	2012
Nibo	Gestão Financeira-Controle Financeiro	2012
Magnetis	Investimento - com robô-advisores	2012
Vérios	Investimento - com robô-advisores	2010
Mais Retorno	Investimentos	2017
ParMais	Investimentos	2011
OiWarren	Investimentos	2014
SmarttBot	Investimentos	2011
Yubb	Investimentos	2014
e-dinheiro	Multiserviços	2014
Banco da Maré	Multiserviços	2016
CElcoin	Multiserviços	2016
Zuum	Multiserviços	2013
Negocie Online	Negociação de Dividas	2015
Acerte as Contas	Negociação de Dividas	2012
Kitado	Negociação de Dividas	2014
Quero Quitar	Negociação de dívidas	2015
Moneto	Negociação de Dívidas - Recebíveis e cobrança online	2016
ReCB	Pagamento -Cobrança e Pagamentos via boleto bancário	2016
Asaas	Pagamentos	2011
EBANX	Pagamentos	2012
Iugu	Pagamentos	2013
Koin	Pagamentos	2014
Pagar.me	Pagamentos	2014
Vindi	Pagamentos	2013
Zoop	Pagamentos	2013
RecargaPay	Pagamentos	2013
Stone	Pagamentos -Adquirentes	2012
Acesso	Pagamentos -Cartões pré-pagos	2012
Bidu	Seguros	2011
Minuto seguros	Seguros	2011
Youse	Seguros	2015
Appolice	Seguros	2016
Mobisell	Seguros	2016
Segurize	Seguros	2016

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados nos sites: Conexão Fintech, Fintechlab (2017, 2018), sites das próprias empresas citadas, ou periódicos com informações sobre elas.

Não foi possível identificar a forma e nem o valor investido na sua constituição, pois algumas optaram por não divulgar tais informações, alegando estratégias de negócio. Porém, tem-se conhecimento de o crescimento das Fintech e dos investimentos têm sido impulsionados por aceleradoras que oferecem vários benefícios como aporte financeiro inicial, mentoria, treinamentos, acesso a investidores e clientes.

5 POTENCIAIS E TENDÊNCIAS DAS FINTECH NO BRASIL E NO MUNDO

ABFINTECH PWC (2018) observam que, para as Fintech manterem o seu diferencial no futuro será preciso o desenvolvimento de novas tecnologias como inteligência artificial e blockchain. O uso de cloud, data analytics e mobile, tecnologias que hoje são a base das soluções desenvolvidas, estão virando commodities nesse segmento. Os autores alertam que o outro diferencial das Fintech, a qualidade da experiência ofertada aos clientes, foi muito aprimorado pelos bancos tradicionais nos últimos anos, e, portanto, há a necessidade de reinvenção tecnológica por parte delas.

Ainda segundo ABFINTECH PWC (2018) as tendências para o futuro das Fintech é o aumento do open banking e a inserção cada vez mais forte no mercado financeiro das empresas bigtechs (Amazon, Apple, Google, Samsung etc). O open banking resulta da atuação cooperada entre as Fintech e bancos, pois aplica o “compartilhamento seguro de dados financeiros dos clientes para terceiros via canais digitais” (ABFINTECH PWC, 2018, p. 44). Uma vez que a parceria entre os grandes players e as Fintech maduras tende a crescer, para a oferta de produtos adequados ao perfil de cada cliente, será necessária a implementação de Interfaces de programação de aplicativos que facilitem a integração das plataformas digitais.

Esse cenário abre espaço para a aplicação do blockchain, uma tecnologia que permite o registro sistemático e seguro das transações financeiras. Igualmente, estimula o emprego da inteligência artificial, que permite a análise prévia de comportamentos dos clientes e a prevenção de fraudes (ABFINTECH, PWC, 2018). Os autores ainda assinalam que esse novo ambiente será favorável ao empoderamento do cliente, dando-lhe maior poder de escolha sobre a empresa com a qual desejará se relacionar. Isso deverá se acelerar com o ingresso das grandes empresas, as bigtech, no segmento de serviços financeiros, pois elas trazem consigo clientes fidelizados que as acompanham, dado a popularidade de suas marcas. É o caso das novas formas de pagamento implementadas pela Samsung Pay, Apple Pay e Android Pay.

Para Apfelbacher (2017) o futuro dos serviços financeiros será marcado pela utilização de Assistentes Financeiros Digitais, que proporcionarão a gestão integrada de diversos assuntos financeiros, eliminando a burocracia e proporcionando educação financeira aos usuários.

ABFINTECH PWC (2018) reforçam a ideia da “destruição criativa”. As Fintech promoveram um movimento de “unbundling” (fragmentação) dos produtos bancários para corresponder às necessidades dos clientes. A tendência do futuro das Fintech será o movimento de “rebundling” (reconstrução) dos serviços financeiros em torno de poucos players, novamente. Tirarão maior proveito desse movimento as empresas que souberem aproveitar sua agilidade como empresas digitais para alcançar o sucesso com um portfólio amplo de produtos e serviços (ABFINTECH PWC, 2018, p.48)”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das evidências recentes sobre as Fintech no Brasil observou-se que elas ganharam espaço considerável no cenário financeiro nacional. A crise financeira mundial de 2008 foi uma brecha para o ingresso desses novos agentes no mercado financeiro. Após 2015,

ocorreu uma imersão na busca e desenvolvimento de novas soluções para os diversos gargalos da indústria financeira nacional.

Como observado no estudo, essas empresas nasceram com o foco no cliente, sem vícios ou necessidade de entregar vultosos lucros anuais, como os grandes players estabelecidos. Com isso se arriscaram a desenvolver novas soluções para melhorar a experiência financeira dos clientes. Nesse contexto, forneceram soluções diferenciadas que diminuíram a exigência do contato presencial do cliente com as agências bancárias. Rapidamente, as Fintech conquistaram a confiança de uma nova geração de consumidores, sempre conectada e habituada aos meios tecnológicos.

O papel das Fintech tem sido de cobertura às lacunas deixadas pelas instituições tradicionais em vários nichos financeiros. Diante disso, pode-se observar Bancos + Fintech, contra a visão inicial de Bancos x Fintech. Todavia, a agilidade, a oferta de produtos com custos diferenciados e a melhoria da experiência dos clientes, proporcionadas pelas Fintech provocaram nas instituições financeiras a necessidade de se reinventar e construir parcerias para sua manutenção ativa no mercado. Assim, elas apropriaram a experiência das Fintech para remodelar suas atividades de forma muito mais rápida.

O Brasil tem vivenciado a ebulição dessas iniciativas e é considerado um ambiente oportuno para inovações. Vários fatores contribuem para isso. Dentre eles estão a alta concentração bancária, o elevado spread financeiro, parte considerável da população sem acesso às transações financeiras, maior acesso à internet e uso intenso de smartphones. Tudo isso gera oportunidades que contribuem para o crescimento e diversificação das Fintech no País.

Outro fator relevante e crescente, promovido pelas Fintech, foi a diversificação das formas de negociação de crédito, através de plataformas digitais dedicadas a unirem tomadores e credores, sem a necessidade direta da intermediação bancária. Dentre elas, encontram-se várias plataformas de crowdfunding. Outras modalidades são os empréstimos pessoa a pessoa (P2P), empresa a empresa (B2B) e empresa a clientes (B2C). Essas práticas levam à redução das taxas de juros praticadas por meio da desintermediação financeira.

Os desdobramentos das Fintech em novos segmentos como as Insurtechs, plataformas digitais especializadas em seguros e as Regtechs, especializadas no setor de compliance e regulação, evidenciam que muita inovação ainda está por surgir nesse mercado. Indicam, também, que surgirão novas formas de operar crédito, serviços de pagamento e outros serviços financeiros.

Todavia, ainda é preciso aprofundar as pesquisas sobre a participação das Fintech no ambiente financeiro, em termos de valores movimentados. Essa informação ainda está restrita aos estudos e análises institucionais. Em termos macro, será necessário avaliar sua contribuição para a inclusão financeira, para a política monetária e para a atuação estratégica do governo sobre tais empresas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABFINTECH PWC. Pesquisa Fintech Deep Dive 2018. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2Q4Gd5u>>. Acesso em 17/10/2018.

ACCENTURE, Accenture anuncia programa de fomento a startups no Brasil, São Paulo, 2016. Disponível em <<https://www.accenture.com/br-pt/company-news-release-accenture-startups-development-program>> Acesso em 21/11/2018.

APFELBACHER, Axel, O Futuro dos Serviços Financeiros. In: CHISHTI, S.; BARBERIS, J. A Revolução Fintech – O Manual das Startups Financeiras. Traduzido por Samantha Batista, 1ª edição, Rio de Janeiro, Editora Alta Books, 2017. 229-231 p. Tradução de: The FinTech Book- The Financial Technology Handbook for Inventors, Entrepreneurs and Visionaries by Susane Chishti and Janos Barberis.

- ARNER, D. W; BARBERIS, J.; BUCLEY, R. P. Fintech and Regtech in a Nuthsell and the future in a sandbox. CFA Institute Research Foundation, 2016. 20 p. Disponível em <<http://investmentnews.co.nz/wp-content/uploads/roboreg.pdf>>. Acesso em 03/09/2018.
- ARNER, D. W; BARBERIS, J.; BUCLEY, R. P. The Evolution of FinTech: A New Post-Crisis Paradigm? The HKU Scholars Hub, The University of Hong Kong. 2015. 45 p. Disponível em <<http://hub.hku.hk/handle/10722/221450>>. Acesso em 03/09/2018.
- ARTEMISIA. Desafio de negócios de impacto social – Educação financeira e serviços financeiros para todos. Disponível em <<https://bit.ly/2FNbUeF>>. Acesso em 21/11/2018.
- ASSAF, Ricardo. Fintech_ ameaça ou oportunidade para modernizar o sistema financeiro tradicional. e-commercebrasil,26/04/2017, Disponível em <<https://bit.ly/2q72gKP>>. Acesso em 09/08/2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FINTECH. Startup de câmbio e remessa oferece assessoria com especialistas para operações internacionais. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2ABkOGe>>. Acesso em 10/10/2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FINTECH, PWC. Pesquisa Fintech Deep Dive 2018. 2018. Disponível em <<https://pwc.to/2zyxYUR>> Acesso em 17/10/2018.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Concentração, Competição e Inovação. In: Banco Central do Brasil: Relatório de Economia Bancária 2017. Brasília, 12/06/2018, 5º Prefácio. 86 -111 p. Disponível em <<https://bit.ly/2LwdKON>> Acesso em 24/09/2018.
- _____. Composição e segmentos do Sistema Financeiro Nacional. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2zWmE6h>>. Acesso em 0/10/2018.
- _____. Resolução 4.480. 25/04/2016. Dispõe sobre a abertura e o encerramento de contas de depósitos por meio eletrônico e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília –DF, 26/04/2016. 3 p. Disponível em <<https://bit.ly/2MsZueX>>. Acesso em 17/10/2018.
- _____. Resolução 4.656. 26/04/2018. Dispõe sobre a sociedade de crédito direto e a sociedade de empréstimo entre pessoas. Diário Oficial da União. Brasília –DF, 30/04/2018. 14 p. Disponível em <<https://bit.ly/2zv8tUj>>. Acesso em 17/10/2018.
- _____. Resolução 4.658. 26/04/2018. Dispõe sobre a política de segurança cibernética e sobre os requisitos para a contratação de serviços de processamento e armazenamento de dados e de computação em nuvem a serem observados pelas instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Diário Oficial da União. Brasília –DF, 30/04/2018.11 p. Disponível em <<https://bit.ly/2zvWOoA>>. Acesso em 17/10/2018
- BRASIL, Lei 12.865, de 09/10/2013. Dispõe sobre os arranjos de pagamento e as instituições de pagamento integrantes do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). Diário Oficial da União, Brasília-DF, 09/10/2013. Disponível em <<https://bit.ly/2Qsh3Nx>>. Acesso em 27/11/2018.
- COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS. Instrução nº 588. Dispõe sobre a oferta pública de distribuição de valores mobiliários de emissão de sociedades empresárias de pequeno porte. Diário Oficial da União. 14/07/2017. Disponível em <<https://bit.ly/2levUwu>> . Acesso 05/10/2018.
- CONEXÃO FINTECH. O que é Fintech? 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2DSfWjj>> . Acesso em: 19/09/2018
- CORDEIRO, A.M.; Oliveira, A.P; Duarte, D.P(Coord). FinTech Desafios da Tecnologia Financeira. Coimbra. Edições Almedina, 2017. 328p.
- DARROLES, Serge - The rise of Fintech and their regulation. In: Financial stability in the digital era, Banque de France. Financial Stability Review. No. 20 • April 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2KGArkn>> . Acesso: 31/08/2018
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS BANCOS -FEBRABAN -Inovação e Competição: Novos Caminhos para Redução dos Spreads Bancários. 2018. Disponível em <<https://portal.febraban.org.br/paginas/26/pt-br/#>> Acesso em 17/10/2018

- _____. Pesquisa FEBRABAN de tecnologia Bancaria 2018. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2LpntX4>>. Acesso em 11/10/2018
- _____. Bancos X Fintech ou Bancos & Fintech. IN: Revista CIAB FEBRABAN. Edição 66, São Paulo. 2017. Disponível em <<https://bit.ly/2Q5Xzig>> Acesso em 30/11/2018.
- FERREIRA, et. al. Novas revoluções no mercado de crédito- uma análise sobre as Fintech. VI SINGEP. 2017, São Paulo -SP, Anais do VISINGEP. São Paulo, 10p.
- FINTECHLAB. Novo Radar FintechLab – Já são mais de 200 empresas!!!. 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2ctJyVL>>. Acesso em 10/10/2018.
- _____. Novo Radar FintechLab mapeia mais de 400 iniciativas. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2BiCvOO>> Acesso em 10/10/2018.
- _____. Report Fintechlab, 2017, . Disponível em <<https://bit.ly/2ihucFS>> Acesso em 16/10/2018.
- _____. Report Fintechlab. 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2BIu515>> . Acesso em 16/10/2018.
- FINANZERO. A FinanZero é o buscador de empréstimo online com tecnologia sueca. 2018. Disponível em <<https://finanzero.com.br/sobre>> Acesso em 19/11/2018
- FINNOVATION. Diferenças entre os Bancos e as startups de Fintech. 2015. Disponível em <<https://bit.ly/2FYXd8m>> Acesso em 19/09/2018.
- _____. Mapa de Fintech – Brasil (Maio de 2018). 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2M6uY5S>> Acesso 09/08/2018.
- FINNOVISTA. Brazil becomes the largest Fintech ecosystem in Latin America. 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2KJvHe0>>. Acesso em 18/10/2018.
- FOXBIT. Inspirar pessoas a conquistar liberdade financeira. Disponível em <<https://foxbit.com.br/quem-somos/>> Acesso em 19/11/2018
- FURLANI, José Reinaldo de A. Como funciona o Sistema Financeiro Nacional. BC Universidade. 2013. 25 p. Disponível em <<https://bit.ly/2AzUDQm>>. Acesso em 01/10/2018
- GUIABOLSO. Movidos para melhorar a vida financeira dos brasileiros. 2018 Disponível em <<https://www.guiabolso.com.br/guia-financeiro/>> Acesso em 15/11/2018.
- GONÇALVES, L. M. Tecnologias e educação: inovações curriculares na concepção docente. 1ª ed, Curitiba: Appris, 2017.
- INOVABRA. Colaborar para inovar. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2ogeJtf>> Acesso em 20/11/2018
- LENDICO. A Empresa. Disponível em <<https://www.lendico.com.br/p/sobre>> Acesso em 19/11/2018.
- MAGNETIS, Nossa missão é impactar a vida das pessoas e ajudá-las a investir no que importa. Disponível em <<https://magnetis.com.br/quem-somos>> Acesso em 19/11/2018.
- MENAT, Rebecca, Por que estamos tão animados com FinTech. IN: CHISHTI, Susanne, BARBERIS, Janos: A Revolução Fintech – O Manual das Startups Financeiras. Traduzido por Samantha Batista, 1º edição, Rio de Janeiro, Editora Alta Books, 2017. 10-12 p. Tradução de: The FinTech Book- The Financial Technology Handbook for Inventors, Entrepreneurs and Visionaries by Susane Chishti and Janos Barberis
- OLIVEIRA, Madalena P. As recentes tendências da FinTech: disruptivas e colaborativas. IN: CORDEIRO, A.M.; Oliveira, A.P; Duarte, D.P.(Coord). FinTech Desafios da Tecnologia Financeira. Coimbra. Edições Almedina, 2017. 59 - 67 p.
- ROSALINO, Hélder. Fintech e banca digital. IN: CORDEIRO, A.M.; Oliveira, A.P; Duarte, D.P.(Coord). FinTech Desafios da Tecnologia Financeira. Coimbra. Edições Almedina, 2017. 9-15 p.
- ZELMANOVITS, N. S.; GOBBI, T. e EROLES, P. As Fintech no Sistema Nacional. Machado Meyer. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2zyqKjF>>. Acesso em 27/09/2018.